



**III CONGRESSO IBERO-AMERICANO
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
BELÉM – PARÁ – BRASIL
04 a 07 de novembro de 2015
ISSN 978-85-89097-68-0**

**UMA HISTÓRIA DA CONSTITUIÇÃO DOS CURSOS QUE
FORMARAM PROFESSORES (DE MATEMÁTICA) EM
UBERLÂNDIA (MINAS GERAIS) NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970:
a revista Documenta como fonte²¹⁷**

**Douglas Marin²¹⁸
Ivete Maria Baraldi²¹⁹**

RESUMO

Este texto apresenta um estudo cujo cenário de investigação é a formação de professores de Matemática na cidade de Uberlândia. Esta pesquisa está integrada a uma maior que trata da formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro – Minas Gerais. Com o intuito de compreender como foi o processo de criação dos cursos de formação de professores de Matemática na cidade de Uberlândia nas décadas de 1960 e 1970, utilizamos como fonte de dados as edições da Revista Documenta que foram publicadas nos anos de 1962 até 1979. Os resultados dos dados mostraram a existência de dois cursos de formação de professores de Matemática em duas instituições de ensino superior nessa localidade no período especificado – a saber: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia e Associação Brasil Central de Educação e Cultura. A primeira com o curso de Matemática e a segunda com o curso de Ciências com Habilitação em Matemática. As expectativas de contribuição deste trabalho são para a formação inicial de professores de Matemática e para História da Educação Matemática.

Palavras-chave: História da Educação Matemática. Formação de Professores de Matemática. Triângulo Mineiro. Educação Matemática.

²¹⁷ Este texto faz parte de um estudo de doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Unesp, Rio Claro.

²¹⁸ Docente da Universidade Federal de Uberlândia, UFU, e aluno do doutorado da Unesp, Rio Claro, e-mail: douglas@famat.ufu.br.

²¹⁹ Docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Unesp, Campus Bauru, e-mail: ivete.baraldi@fc.unesp.br

INTRODUÇÃO

A história da formação de professores (de Matemática) tem sido foco de diferentes estudos realizados no Brasil, e ganha abrangência nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática – Ghoem²²⁰. Em um dos principais projetos desse grupo está o objetivo de elaborar um mapeamento (histórico) sobre a formação de professores de Matemática no Brasil.

A preocupação destas pesquisas com a formação de professores é latente, mas, também, voltam seus olhares para as práticas no fazer pedagógico nas diversas modalidades de ensino, na institucionalização de cursos que formavam professores (de Matemática), na formação da identidade de grupos de pesquisa, no traçado do perfil de professores e alunos de distintas regiões, nas motivações políticas, administrativas e sociais, entre outros vieses.

Esse enfoque pode ser constatado em pesquisas como em BARALDI (2003), PINTO (2006), CURY (2007; 2011), MARTINS-SALANDIM (2007; 2012), FILOS (2008), FERNANDES (2011), MORAIS (2012), FERREIRA, BRITO e MIORIM (2012), TOILLIER (2013), MACENA (2013), BOTH (2014), FAORO (2014), GARNICA (2014) e SILVA (2015).

O mosaico de pesquisas apresentado mostra-se como um solo bastante fértil para apoiar esse estudo. Considerando que assumimos uma determinada postura historiográfica segundo a qual o estudo do passado do processo educativo deve ser disparado pelo presente visando a colaborar com o presente, trazendo à tona pressupostos, práticas, atitudes e preconceitos, entendemos ser altamente importante para a Educação, para Educação Matemática e para a História da Educação Matemática.

Este estudo pretende inserir-se no que atualmente tem se chamado de História da Educação Matemática, na medida em que se propõe a compreender, analisar, elaborar, discutir a reconstituição de histórias dentro da própria História (GARNICA, 2013) e dispõe-se a delinear um mapeamento da formação de professores (de Matemática) do no Triângulo Mineiro.

²²⁰“O GHOEM é um grupo de pesquisa interinstitucional que congrega profissionais de diversos estados brasileiros. Seus membros são pesquisadores em Educação Matemática e seus orientandos de mestrado e doutorado. Mantendo-se no grupo, esses mestrandos e doutorandos passam a orientar trabalhos e agregam ao GHOEM seus orientandos.” (GARNICA, FERNANDES; SILVA, 2011, p. 230) Para mais detalhes visite <http://www2.fc.unesp.br/ghoem>. Acessado em maio de 2015.

Nesse texto temos como objetivo apresentar resultados acerca do movimento de criação, instalação e desenvolvimento de cursos de Matemática na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Na próxima seção, localizaremos essa problemática embasada em uma história da constituição dos cursos de Matemática, entre as décadas de 1960 e 1970.

PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Nas décadas de 1950 e 1960, em Uberlândia “o que existia nesse universo era muito reduzido: algumas escolas secundárias, o ginásio, a escola de contabilidade, cursos técnicos e os chamados cursos primários” (CAETANO e DIB, 1988, p. 8). À época, destacava-se o antigo Ginásio Mineiro, atualmente escola Estadual de Uberlândia, e, posteriormente, o Colégio das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, instituições promotoras de atividades ligadas às letras e artes em geral; depois de um período surge o colégio Nossa Senhora.

O ensino universitário em Uberlândia iniciou-se através de faculdades isoladas, que eram gestadas dentro de um projeto desenvolvimentista da classe dominante local, composta por pequenos grupos detentores de grande poder político e econômico na cidade (RIBEIRO, 1995).

Todavia, a ideia da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nasceu do desejo de um grupo de intelectuais que se preocupavam educacionalmente e culturalmente com a cidade. Os primeiros contatos foram feitos com as irmãs do colégio Nossa Senhora, que assumiram a responsabilidade de criação daquela Faculdade e logo trataram da organização dos papéis necessários à abertura da instituição, para em outubro de 1959, conseguirem, por intermédio de favores políticos, a publicação dos Estatutos do Instituto Social de Instrução e Caridade no jornal Minas Gerais, principal meio de divulgação do Estado. Estava consolidada, assim, a primeira das faculdades isoladas (CAETANO e DIB, 1988).

Depois foram criadas outras faculdades: Direito, Ciências Econômicas, Engenharia e Artes. Em agosto de 1969, estas faculdades formaram a Universidade de Uberlândia marcando novos rumos para o ensino superior na região.

Posteriormente, com a chegada de outras faculdades, como a de Odontologia, a de Medicina Veterinária, a de Educação Física e a Escola de Medicina e Cirurgia, no ano de

1978, a Universidade de Uberlândia foi federalizada e tornou-se a Universidade Federal de Uberlândia.

No início da década de 1960 a demanda de jovens em busca de Curso Superior em Uberlândia aumentou consideravelmente. Para suprir essa procura e expansão da região, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foram criados os cursos de Pedagogia e Letras (1960), História (1965), Matemática (1967), Ciências (1970), Geografia (1971), Estudos Sociais (1972), Ciências Biológicas (1972) e Química (1974).

As faculdades isoladas, quando constituídas, davam grande ênfase à formação de professores por se caracterizarem como faculdades viáveis, com pequenos gastos para sua criação e manutenção e, principalmente, por não exigirem equipamentos, justificando, ainda, a geração de cursos ligados às humanidades (GOMES; WARPECHOWKI; NETTO, 2003).

Em 30 de maio de 1967 pelo Decreto nº 60/71²²¹, foi concedido a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Universidade de Uberlândia a autorização para funcionar o curso de Matemática.

Desse movimento outras instituições são criadas. Apoiados na Revista Documenta, nº 147, de 1973 nos certificamos disso com a autorização de uma Faculdade de Educação mantida pela Associação Brasil Central de Educação e Cultura. Sendo que poucos anos depois constatamos pelo Decreto nº 76.064/75²²² foi concedido a autorização para funcionar o curso de Ciências, sendo o curso de Matemática uma de suas habilitações.

Nesse sentido, o presente texto é um recorte de uma pesquisa maior, em desenvolvimento, cuja intenção é a de contribuir para História da Educação Matemática, na medida em que se propõe a compreender, analisar, elaborar, discutir e estudar a reconstituição de histórias dentro da própria História (GARNICA, 2013) e dispõe-se a delinear um mapeamento da formação de professores (de Matemática) na cidade de Uberlândia (Minas Gerais) entre as décadas de 1960 e 1970.

²²¹ Documenta nº 72, p. 32, 1972.

²²² Documenta nº 176, p.381, 1975.

REFERENCIAS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Como destacado na seção anterior esse estudo é um recorte de uma pesquisa maior e trazemos nesse texto resultados iniciais. Vale à pena destacar que o estudo está sendo conduzido com aportes teóricos pautados na História da Educação Matemática. Isso que trataremos nessa seção.

A iniciarmos, com algumas acepções sobre o verbete História e, na sequência, à luz da teoria, procuraremos situar a História Oral a partir de sua história, chegando aos pressupostos teóricos e metodológicos que essa investigação (maior) pretende perseguir.

Com esta pesquisa, buscamos compreender e elaborar versões históricas sobre a formação de professores (de Matemática) no Triângulo Mineiro, nas décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido faz-se necessário discutir algumas acepções de “História” haja vista a multiplicidade de significados atribuídos a esta palavra.

Inicialmente, ao procurar a verbete “História”, buscamos num dicionário de Filosofia, lemos que

esse termo, que em geral significa pesquisa, informação ou narração e que já em grego era usado para indicar a resenha ou a narração dos fatos humanos, apresenta hoje uma ambiguidade fundamental: significa, por um lado, o conhecimento de tais fatos ou a ciência que a disciplina e dirige esse conhecimento e, por outro, os próprios fatos ou um conjunto ou a totalidade deles (ABLAGNANO, 2007, p. 583).

Na tentativa de trazer outras acepções sobre História encontramos em Albuquerque Jr. (2007, p. 173) segundo o qual

a História seria movimento, seria ação criativa, invenção constante de novos lances, mesmo que seus sujeitos estejam limitados por regras, por normas, tenham que obedecer a regulamentos. A História é possível porque os homens, mesmo limitados por um dado contexto, por um conjunto de regras e prescrições, mesmo atuando em um espaço e um tempo delimitado, são capazes de driblar a potência do mesmo e a imposição de repetição e criar o diferente, a novidade, de produzirem a surpresa e o inesperado. A História, como jogo, faz-se de risco e habilidade, de variação e mudança, de limite e invenção, de regras imanentes e de restrições voluntárias.

Ao ver a História como uma forma de expressar algo do passado a partir do presente, compreendido por meio de indícios que podem ser encontrados em fontes de várias naturezas (orais, escritas, arquitetônicas etc) nos possibilita criar versões plausíveis de um passado.

Garnica; Souza (2012, p.21) têm defendido, baseados em Marc Bloch, a concepção de que a História, de forma geral, é “uma ciência dos homens no tempo e espaço. Mas como não se vive só, e sim, em comunidade, poderíamos enunciar a concepção de História [...] como: a História é o estudo dos homens vivendo em comunidade no tempo”.

Admitimos que os “acontecimentos” do passado, objeto central de estudo da História, podem ter vários significados dependendo de como são registrados, interpretados e transmitidos, trabalhar a partir das versões de pessoas que participaram, efetivamente, desses “acontecimentos”, pode apresentar-se como uma interessante intervenção para (e sobre) a produção de conhecimento, aceitando-se, na base dessa opção, a possibilidade de que vivenciamos e registramos “alguma” História e não “a” História com um significado unívoco, global e generalizante: tal é a crença fundamental na base dos esforços da História Oral.

A literatura específica da área aponta que a História Oral surge logo após a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos e ganha destaque com o surgimento das novas tecnologias de registros, entre elas: “o gravador portátil, que propiciou o armazenamento do registro oral” (TOILLER, 2013, p.22).

Nesse período, os estudos davam ênfase às histórias de vida – promovendo importantes resultados a respeito de problemas sociais urbanos, logo após a criação da *Oral History Association*, que em 1948, “a História Oral foi instituída como uma técnica de documentação histórica” (CURY, 2011, p.21).

Segundo Garnica; Souza (2012) essa noção perdurou até meados das décadas de 1960/1970 em que o método foi revivido com o interesse em outras histórias, especificamente as de grupos minoritários ou marginalizados.

No Brasil, embora haja registros de pesquisas desenvolvidas segundo abordagem similar em tempos mais remotos (vinculados à Sociologia e à Psicologia Social), a Associação Brasileira de História Oral, que congrega pesquisadores especializados nessa temática, é fundada em 1975 e a aplicação desse recurso por universidades e outras instituições é usada com maior vigor a partir da década de 1980.

Com o passar do tempo, esse cenário foi se alterando, a História Oral “passou a existir uma diversidade de enfoques nas pesquisas historiográficas, que deixaram de ser apenas sobre grandes acontecimentos” (TOILLER, 2013, p.23) e passaram a dividir espaço com pessoas de diversos segmentos focando pequenos grupos com o intuito de

compreender um panorama mais nítido da realidade investigada (GARNICA; SOUZA, 2012).

Nessa perspectiva, e apoiado em Cury (2011), apontamos que a História Oral é um recurso de pesquisa moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamentos e estudo referentes à experiência social de pessoas e grupos, e está fundamentalmente baseada na memória.

No entanto, por seu caráter híbrido e multifacetado, por estar em contínuo movimento em diferentes campos do conhecimento – entre elas a História, as Ciências Sociais, a Antropologia, a Enfermagem, os Estudos Culturais, a História Oral pode ser entendida em três de suas características como “técnica”, como “metodologia” e como “disciplina”.

Embasado em Garnica; Souza (2012) nessa pesquisa assumiremos a História Oral como “uma metodologia de pesquisa, pois envolve a criação de fontes a partir da oralidade e compromete-se com análises coerentes e sua fundamentação” (p. 97).

Essa opção encontra respaldo em Cury (2011), Martins-Salandim (2012) e Toillier (2013) quando argumentam que esta metodologia de pesquisa nos permite criar fontes a partir da oralidade, elaborando assim, narrativas orais, pela escrita, como documentos históricos intencionalmente constituídos e, ao mesmo tempo, não se afastando de fontes de outra natureza, propondo estabelecer um diálogo com muitas outras fontes, sejam escritas, pictóricas, fílmicas, escultóricas etc., inclusive as chamadas oficiais – que têm sido objeto de acalorado debate no cenário historiográfico contemporâneo.

Garnica; Souza (2012, p.93) corroboram esse posicionamento apontando que a História Oral é a constituição de um “método que ressalta a importância da memória, da oralidade, dos depoimentos, as vidas das pessoas julgadas essenciais – de algum ponto de vista – para compreender os ‘objetos’ que as investigações pretendem focar”.

Garnica; Fernandes; Silva (2011, p.232) apontam que a História Oral é uma “metodologia cuja função é criar fontes historiográficas - que podem ser exploradas por instrumentos analíticos distintos por quaisquer pessoas que venham a interagir com elas – e estudá-las”.

Desta forma, salientamos que essa metodologia credencia e viabiliza o desenvolvimento desse estudo fornecendo os recursos necessários para compor traços narrativos sobre uma versão histórica da formação de professores de Matemática no Triângulo Mineiro – Minas Gerais.

FONTE DE PESQUISA

O presente texto é um recorte de uma pesquisa maior, onde na seção anterior apresentamos os referenciais teóricos e metodológicos que nos auxiliarão na sua condução.

No entanto, delimitamos esse estudo a um mapeamento da formação de professores (de Matemática) na cidade de Uberlândia (Minas Gerais) entre as décadas de 1960 e 1970 e apresentaremos aqui alguns resultados.

Para nos auxiliar na elaboração desses resultados, tomamos por fonte as edições da Revista Documenta que foram publicados nos anos de 1962 até 1999.

Essa revista apresenta assuntos relativos ao Conselho Federal de Educação, como pareceres dos conselheiros sobre pedidos de criação de cursos e instituições, posicionamentos dos conselheiros sobre aspectos da educação brasileira, explicações sobre normas e legislações (MARTIN-SALANDIM, 2012). Para servir como ilustração para o leitor, na figura 1, temos um mosaico de algumas capas das publicações da Revista Documenta, desde a primeira até a última edição publicada atualmente.

Figura 1 – Capas da Revista Documenta



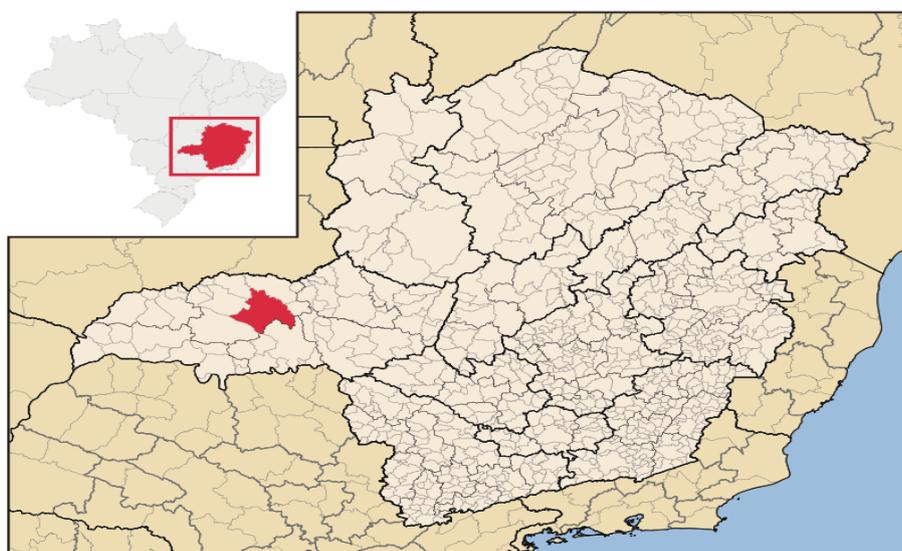
Fonte: Revista Documenta

O levantamento de dados foi realizado junto ao acervo da Revista Documenta que está localizado na biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, *Campus Santa Mônica*. Todas as informações foram digitalizadas e arquivadas, na sequência foi elaborado um estudo sistemático tomando por base o uso de tabelas para o auxílio da compreensão e análise dos dados.

RESULTADOS OBTIDOS

Nessa seção apresentaremos um mapeamento da formação de professores (de Matemática) na cidade de Uberlândia (Minas Gerais) entre as décadas de 1960 e 1970. Nesse período localizamos dois cursos de Matemática, um de licenciatura plena e outro uma habilitação de um curso de Ciências. Para auxiliar na localização da cidade de Uberlândia apresentamos, na figura 2, um mapa situando esta cidade que está no estado de Minas Gerais e conseqüentemente no Brasil.

Figura 2 – Localização de Uberlândia



Fonte: www.skyscrapercity.com

O curso de licenciatura em Matemática foi inicialmente autorizado a funcionar com total de 2700 horas, correspondentes a 675 horas anuais “havendo condições adequadas, poderá a faculdade reduzir ou aumentar o tempo de duração dos cursos, obedecendo as normas da Portaria Ministerial nº 159/65 e foi autorizado a funcionar com um total inicial de 50 vagas anuais” (DOCUMENTA 139, p. 72, 1972).

Além disso, foi autorizado ao curso funcionar com o seguinte currículo mínimo que era composto por disciplinas específicas, como: Desenho Geométrico e Geometria Descritiva, Fundamento de Matemática Elementar, Física Geral, Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica, Álgebra, Cálculo Numérico e Estatística e, as disciplinas pedagógicas, a saber: Psicologia da Educação: Adolescência-Aprendizagem, Didática, Estrutura e Funcionamento do ensino de 2º Grau, Prática de Ensino sob a forma de Estágio Supervisionado, Estudos de Problemas Brasileiros e Introdução Geral a Filosofia.

Observamos que o curso iria iniciar com as seguintes disciplinas pedagógicas: Psicologia da Educação com foco em Adolescência-Aprendizagem, Didática, Estrutura e Funcionamento do ensino de 2º Grau, Estudos de Problemas Brasileiros, Introdução Geral a Filosofia e Prática de Ensino sob a forma de estágio supervisionado.

Nas disciplinas específicas o que nos chama a atenção são as disciplinas de Cálculo Numérico, Estatística e Física Geral comporem o currículo mínimo do curso para formação de professores, no entanto este currículo era o mínimo obrigatório indicado pelo Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2001).

Observamos que o curso foi proposto de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, a qual instituiu novas reformulações no cenário educacional em relação ao ensino superior, fomentando o debate sobre a duração dos cursos superiores, que os mesmo deveriam ser de quatro anos (BRASIL, 1962).

Na Revista Documenta nº 139, p. 73 é apontado que o curso de Matemática seria de quatro anos e as disciplinas do currículo mínimo distribuídas, da seguinte forma: a primeira série²²³ contaria com as seguintes disciplinas: Desenho Geométrico e Geometria Descritiva, Fundamentos de Matemática Elementar, Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica e Introdução Geral à Filosofia. A segunda série, as disciplinas: Desenho Geométrico e Geometria Descritiva, Fundamentos de Matemática Elementar, Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica, Física Geral, Álgebra e Psicologia da Educação: Adolescência-Aprendizagem. Na terceira série, foram as seguintes disciplinas: Fundamentos de Matemática Elementar, Cálculo Diferencial e Integral, Física Geral, Álgebra, Didática Geral e Estudo de Problemas Brasileiros e, por final, a quarta série que apresentaria as disciplinas: Física Geral, Álgebra, Cálculo Numérico, Estatística, Prática de Ensino sob a forma de estágio supervisionado e Estrutura de Funcionamento do Ensino de 2º Grau.

Podemos observar que as disciplinas Fundamentos de Matemática Elementar, Cálculo Diferencial e Integral, Física Geral e Álgebra eram ministradas em três anos do curso de Matemática. E, em todos os semestres existiam as disciplinas de cunho pedagógico, no entanto, o que chama a atenção, é o fato de apenas no último ano do curso a presença da disciplina de Estágio Supervisionado, onde os estudantes têm o primeiro contato com a escola, a carga horária dessa disciplina era de apenas 120 horas.

²²³Uma observação, nesta época os anos de estudo eram chamados de séries, talvez por influência da escola básica, atualmente isso é entendido por ano em alguns casos menciona-se semestre.

No Quadro 1, apresentamos a relação professor x disciplina x formação e podemos observar o curso de Matemática era constituído por docentes de diferentes formações, tais como: engenheiros, pedagogos e economistas.

Quadro 1: Relação de professores x disciplinas x formação aprovados pelo Conselho Federal de Educação

Professor	Disciplina	Formação
Ênio Vilela de Andrade	Geometria Analítica	Engenheiro
José Peppe Júnior	Cálculo Diferencial e Integral	Engenheiro
Galba Gouveia Porto	Desenho Geométrico e Geometria Descritiva	Engenheira
Celso Corrêa dos Santos	Física Geral	Licenciado em Matemática
Yone Vicentini Gomes	Álgebra	Licenciado em Matemática
Marcia Augusta Crosara Petronzio	Fundamentos de Matemática Elementar	Licenciado em Matemática
Luiz Arthur Meinberg Santos	Cálculo Numérico	Engenheiro
Mariú Cerchi Borges	Psicologia da Educação	Pedagogia
Ilar Garotti	Didática Geral	Pedagogia
Renato Campelo Ribeiro	Estatística	Engenheiro

Fonte: Documenta nº 139, p. 74, 1972.

Torna-se interessante que, nesse documento apontado pela revista Documenta nº 139, de 1972, não é informado quem eram os professores que ministrariam as disciplinas de Prática de Ensino sob a forma de estágio supervisionado, Estrutura de Funcionamento do Ensino de 2º Grau, Introdução a Filosofia e Estudos de Problemas Brasileiros.

Os dados nos apontam que o curso de Matemática, em seu início, tinha como professores aqueles formados em engenharia, isto se deve talvez ao fato de, à época, a faculdade de engenharia já estar estabelecida na cidade de Uberlândia.

Em 8 de novembro de 1972 pelo Decreto nº 71.335²²⁴ foi concedido reconhecimento ao curso de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Universidade de Uberlândia.

Em relação ao curso de Ciências com habilitação em Matemática, na Revista Documenta, nº 147, de 1973, é apontado o requerimento a partir do processo nº 203.731/72 a autorização para o funcionamento de uma Faculdade de Educação que seria mantido pela Associação Brasil Central de Educação e Cultura, uma instituição localizada na cidade de Uberlândia.

A proposta seria que esta Faculdade de Educação oferecesse, inicialmente para o seu funcionamento, os cursos de Pedagogia, com habilitações em Orientação Educacional, Administração e Inspeção e Supervisão Escolar de 1º e 2º graus, Licenciaturas Polivalentes

²²⁴ Documenta nº 144, p. 404, 1972

em Letras, Ciências e Estudos Sociais e Licenciaturas de 1º e 2º graus em Física, Química e Matemática.

Após cumprir todas as exigências pedidas pelo Conselho Federal de Educação (CNE), foi pelo Decreto nº 76.064²²⁵, de 31 de julho de 1975, que este mesmo Conselho, autorizou o funcionamento da Faculdade de Educação, Ciências e Letras, com os cursos de Pedagogia, de Letras, de Ciências (Polivalentes) e de Estudos Sociais.

Em relação ao curso de Matemática, até então era oferecido como uma habilitação do curso de Ciências, nas chamadas Ciências Polivalentes, onde se oferecia a Licenciatura de 1º Grau e a Licenciatura em Matemática.

Nessas habilitações, os estudantes que ingressavam no curso de Ciências cursavam inicialmente as disciplinas do ciclo básico que eram comuns a todos e, depois em outra fase do curso cursaria as disciplinas específicas da área de Matemática.

O currículo do curso de Licenciatura de 1º Grau era desenvolvido em um mínimo de seis semestres letivos (ou três anos), com um total de 1.944 horas/aula, sendo 108 destinadas à Educação Física, distribuídas nos termos das normas vigentes, e 188 horas de Prática de Ensino de Ciências ao nível de 1º grau.

Para se obter o diploma de Licenciado em Matemática, o estudante daria continuidade à Licenciatura de 1º grau, por mais quatro semestres letivos no mínimo, perfazendo um acréscimo de 1.440 horas/aula. Totalizando assim 3.384 horas/aula, sendo 108 de disciplinas obrigatórias, tendo a duração mínima de 10 semestres letivos ou o equivalente a 5 anos.

Em relação ao corpo docente, o curso de Ciências possuía uma variedade muito grande de profissionais das mais diferentes áreas do conhecimento associados às habilitações que eram oferecidas.

No documento inicial que foi encaminhado para o CNE, do total de professores pertencentes ao quadro docente do curso de Ciências seis deles eram relacionados diretamente às disciplinas específicas para ministrar aulas na habilitação em Matemática, a saber: Ana Beatriz Lóes Cicci de Castro responsável por ministrar as disciplinas de Matemática, Cálculo Diferencial e Integral e Geometria Analítica, o professor Sebastião Ribeiro Ferreira era o responsável pelas disciplinas Cálculo Diferencial e Integral, Físico-Química e Química. Já o professor Julmar de Oliveira Diniz ministraria Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica e Probabilidade e Estatística, o professor Carlos

²²⁵ Documenta nº 176, p. 381, 1975

José Borges seria o responsável pelas disciplinas de Análise Matemática e Matemática Aplicada. A professora Maria Cristina Pereira Braga ficou responsável pela disciplina de Prática de Ensino e, por fim, a professora Onélia Marçal Mattar pelas disciplinas de Álgebra, Análise Matemática e Processamento de Dados.

Os professores citados anteriormente tinham a formação inicial em engenharia ou em Licenciatura em Matemática. Os professores licenciados também eram docentes nas escolas de educação básica.

Na Revista Documenta, nº 377, de 1992, foi apresentado, oficialmente, o corpo docente que iria ministrar as disciplinas do curso de Licenciatura em Matemática, a formação desses profissionais eram as seguintes: com mestrado – cinco professores, mestrados – três professores, com especialização – quatro professores e por fim, com graduação – cinco professores.

Em 3 de fevereiro de 1993 pela Portaria nº 175 publicado na Revista Documenta nº 386, de 1993, foi reconhecido o curso de habilitação em Matemática, licenciatura plena, ministrada pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uberlândia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos nesse artigo um estudo cujo cenário de investigação foi o de compreender como foi constituída a formação dos professores (de Matemática) na cidade de Uberlândia – Minas Gerais, nas décadas de 1960 e 1970.

Esses resultados, mesmo que incipientes, nos instigam ao delineamento mais detalhado da formação dos professores nessa região, e nos apontam que os próximos passos dessa pesquisa na busca de depoentes que vivenciaram esse período de desenvolvimento da difusão cultural, educacional e econômica não apenas na cidade de Uberlândia mais também, no Triângulo Mineiro, se torna viável e imprescindível.

Assim, destacamos que a expectativa desse estudo está em contribuir com os pesquisadores que tem interesse na História da Educação Matemática, na história da constituição da formação do professor (de Matemática) nessa região de inquérito, no currículo dos cursos da época e, com um projeto maior que é o de Mapeamento da Formação de Professores de Matemática no Brasil, desenvolvido pelo Grupo História Oral e Educação Matemática – Ghoem.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História: a arte de inventar o passado - Ensaio de teoria da história**. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2007.
- ABLAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção**. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Decreto nº 50.163, de 28 de janeiro de 1961**. 1961. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50163-28-janeiro-1961-389980-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 26 set. 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Decreto nº 60.771, de 30 de maio de 1967**. 1967. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-60771-30-maio-1967-402000-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 26 set. 2013.
- BOTH, B. C. **Sobre a formação de professores de matemática em Cuiabá– MT (1960-1980)**. Dissertação (Mestrado) – UNESP, Rio Claro, 2014.
- CAETANO, C.G; DIB, M.M.C. **A UFU no imaginário social**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1988.
- CURY, F. G. **Uma história da formação de professores de Matemática e das Instituições formadoras do estado do Tocantins**. Tese (Doutorado) - UNESP, Rio Claro, 2011.
- CURY, F. G. **Uma narrativa sobre a formação de professores de Matemática em Goiás**. Dissertação (Mestrado) - UNESP, Rio Claro, 2007.
- DOCUMENTA. Rio de Janeiro: **Conselho Federal de Educação**. 1962 até 1999.
- FERNANDES, D. N. **Sobre a formação do professor de Matemática no Maranhão: cartas para uma cartografia possível**. Tese (Doutorado) - UNESP, Rio Claro, 2011.
- FERREIRA, A.C; BRITO, A.J; MIORIM, M.A. **História de formação de professores que ensinaram matemática no Brasil**. Campinas: Ílion, 2012.
- FAORO, T.C.T. **A formação de professores de matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: um olhar sobre os anos iniciais da licenciatura em Dourados**. Dissertação (Mestrado) – UFMS, Campo Grande, 2014.
- FILLOS, L. M. **A Educação Matemática em Irati (PR): memórias e história**. Dissertação (Mestrado) – UFPr, Curitiba, 2008.

- GARNICA, A.V.M. Cartografias contemporâneas: mapa e mapeamento como metáforas para a pesquisa sobre formação de professores de Matemática. **ALEXANDRIA Revista de Educação em ciências e Tecnologia**, v.6, n.1, p. 35- 60, 2013.
- _____. Cartografias contemporâneas: mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2014.
- GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regime de historicidade e história oral. **Bolema** (Rio Claro), v. 25, nº 41, p. 213-250, 2011.
- GARNICA, A.V.M.; SOUZA, L.A. **Elementos de história da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- GOMES, A.R; WARPECHOWKI, E.M; NETTO, R. S. **Fragmentos, imagens, memórias: 25 anos de federalização da Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia: EDUFU, 2003.
- MACENA. M.M.M. **Sobre formação e prática de professores de Matemática: estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB)**. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, 2013.
- MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, 2012.
- MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas técnicas agrícolas e Educação Matemática: história, práticas e marginalidade**. Dissertação (Mestrado) – UNESP, Rio Claro, 2007.
- MORAIS, M.B. **Peças de uma história: formação de professores de Matemática na região de Mossoró (RN)**. Dissertação (Mestrado) – UNESP, Rio Claro, 2012.
- PINTO, A. H. **Educação Matemática e formação para o trabalho: práticas escolares na escola técnica de Vitória - 1960 a 1990**. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 2006.
- RIBEIRO, E. **Construção da Universidade Federal de Uberlândia e suas articulações com a educação fundamental, através das memórias de seus atores**. Tese de doutorado, PUC - São Paulo, 1995.
- SILVA, M. S. **Sobre a formação de professores das séries iniciais na região de São José do Rio Preto-SP na ocasião dos centros específicos de formação e aperfeiçoamento para o magistério (CEFAM)**. Dissertação (Mestrado) – UNESP, Rio Claro, 2015.
- TOILLIER, J.S. **A formação do professor (de Matemática) em terras paranaenses inundadas**. Dissertação (Mestrado) – UNESP, Rio Claro, 2013.